

**Vamos falar
das Cianinhas?**

Marisa Oliveira

Vamos falar das Cianinhas?

#profissa


oficina

© Marisa Oliveira, 2019
© Oficina Raquel, 2019

Editores

Raquel Menezes
Evelyn Rocha
Luis Maffei

Revisão

Oficina Raquel

Capa, projeto gráfico e tratamento de imagens

Leandro Collares

Imagens da capa

Polaroid Frame - Nathanael Arias
Flex Lines Backgrounds – GarryKillian
Fotografia de capa - Mariana Vilhena

DADOS INTERNACIONAIS PARA
CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

Oliveira, Marisa. Vamos falar das cianinhas? Marisa
Oliveira – Rio de Janeiro : Oficina Raquel, 2019.
184 p. 13 cm x 18 cm.

ISBN 978-85-9500-043-8

1. Ficção 2. Narrativa Brasileira

CDD 808.899282



oficina

www.oficinaraquel.com.br

[@oficinaeditora](https://twitter.com/oficinaeditora)

oficina@oficinaraquel.com

#profissa

Adolescência e Trabalho numa coleção potente

Adolescência, essa fase tão complexa pela qual todo indivíduo passa, é um misto de dor, alegria, angústia, autoconhecimento e contradições. Se já não bastassem todas as transformações físicas e psicológicas vividas pelos sujeitos, é também a fase em que a sociedade estabelecida determina: chegou a hora de escolher a profissão! Nesse sentido, a pergunta quase lúdica que nos é feita quando criança – “O que você quer ser quando crescer?” – toma ares de verdade e determinação: é chegada a hora de escolher o que vamos “querer ser”, ainda que não tenhamos crescido de todo ainda.

Em #profissa, o leitor vai acompanhar esse dilema tão fundamental no cotidiano adolescente a partir de narrativas absolutamente tocantes. São histórias com as quais certamente cada um de nós nos identificamos, pois passaremos ou passamos por situações semelhantes vivenciadas pelas personagens. Esse, aliás, é um elemento importante da série: em todos os livros, os autores optaram por contar as histórias “do lado de dentro”, quer dizer, a partir da ótica dos jovens. Sem que, necessariamente, essa opção narrativa passe pelo uso da 1ª pessoa do singular, certo é que podemos notar com clareza que os autores adotam uma relação empática com os adolescentes em questão. Desse modo, ainda

que as angústias do cotidiano insistam em visitar as personagens, o tom realista dado aos textos em nenhum momento apela para a dramaticidade ou a pieguice. Pelo contrário, em #profissa, os leitores encontrarão histórias de adolescentes nas quais o drama maior é ditado pelos fatos que povoam o dia-a-dia das personagens: o amor perdido, a relação complicada com os pais, as dificuldades financeiras, o enfrentamento de preconceitos.

A série #profissa, portanto, trata de profissões, mas trata também de vida. E, como já dizia Gonzaguinha, "vida é trabalho".

Boa leitura!

Jorge Marques,
curador da coleção #profissa



Amanda, o que você vai ser quando crescer? Já pensei em ser bailarina, médica, engenheira. Minha mãe está dizendo que vou ser psicóloga igual a ela. Mas eu ainda não sei.

1. Mês de abril. Mês que sou chamada em várias escolas para conversar com os jovens estudantes que se preparam para terminar o Ensino Médio e, dessa maneira, devem escolher ou já ter escolhido a profissão a seguir.

Chego cedo no estúdio para o atendimento do dia. Revejo as informações dos arquivos, olho pela janela. A coordenadora me telefona e pergunta se a aluna que ela pediu para incluir após o grupo de trabalho já estar com as vagas preenchidas confirmou presença. Nem precisei olhar nas anotações prévias que faço. Conheci-a na escola dias antes. Um pouco por acaso, pois, uma vez lá para resolver outros assuntos, a coordenadora quis apresentá-la. Chamada, Gabriela demorou a comparecer no gabinete da Edna. Olhar desafiador, peito estufado, como um escudo a dizer: "não avance". Falou o mínimo necessário, aliás, apenas respostas secas a perguntas dirigidas a ela. Em geral, os jovens que se atrasam, que entram fazendo-se presentes, mesmo sem fazer barulho, têm muito a dizer, ou melhor, querem muito dizer o que querem dizer, mas não sabem como fazê-lo. Quase um enigma esse comportamento silencioso-barulhento, não fossem tantos anos a

lidar com tantas emoções, com tantas pedras brutas a serem lapidadas, com tantos não que querem se transformar em sim.

Sim, respondo. Amanhã, relembro, o grupo começa amanhã. Os desafios dos olhos da moça me motivaram a aceitá-la em um grupo já formado.

2. Gabriela deixa passar dois ônibus. Sabe que está tendo uma oportunidade rara. Foi incluída em um programa de orientação vocacional, orientação vocacional não, um programa de conversas e reflexões, para o qual a mãe não tinha dinheiro para pagar. Sabe mas não quer admitir. Por que a mãe se metia em tudo? Por que a mãe, em vez de cuidar de si mesma quando teve a oportunidade, não cuidou, e agora quer controlar o destino dela? Se a mãe errou nas escolhas, paciência! Mas isso não dava o direito a ela de ir à escola pedir para incluí-la no programa. Gabriela sabia muito bem o que queria. E o que ela queria era não se dobrar à escola, aos colegas, a essas determinações caretas de escolher profissões caretas. Não bastava ser bolsista? Não bastava estar lutando em desigualdade de condições com tantos outros? Médica, médica, era o que sempre se lembra de querer ser. E como fazer isso? Como obter a média suficiente para disputar com outros tantos tão mais preparados? Nem inglês estudou. E, afinal, tá, a escritora desse tal de programa ia acrescentar o que mais à realidade que ela já conhecia?

Duas coisas já estavam certas para ela. A primeira é que, tão logo terminasse o Ensino Fundamental, iria procurar emprego. Precisava

ganhar dinheiro, ser independente. Aliás, já estava pensando em trocar de escola, procurar uma em que estudasse à noite e pudesse trabalhar de dia. Ou vice-versa. A segunda coisa é que estava decidida a aceitar a proposta do Pedro para ir morar com ele tão logo fizesse 18 anos. Na verdade, essas duas coisas estavam diretamente ligadas entre si.

3. Comecei a exercer essa atividade de conversar com os jovens quase que por acaso. Um dia fui chamada a apresentar meu primeiro romance infanto-juvenil. A conversa ultrapassou o enredo e estacionou na questão das vantagens e desvantagens de ser escritora como profissão. E, quando me dei conta, meses depois estava eu de escola em escola, de grupo em grupo, a falar dos meus escritos e a falar da profissão.

A questão é que, porque sou eu, por causa da forma como eu lido com as coisas, todos esses encontros são precedidos de muitas lembranças e reflexões e, invariavelmente, são sucedidos de muitos questionamentos; a partir deles são acrescentadas muitas alavancas no meu caminho, que me desafiam a acioná-las ou não, a me deixar levar a destinos não imaginados ou temidos ou... Às vezes, nem eu mesma sei o que dizer sobre isso. O que quero saber? Como fiz as minhas escolhas? Ao final, quero saber sobre mim? Me coloco a pensar que talvez isso, meus questionamentos, seja o que me aproxima deles, os jovens.

Mas o fato é que hoje decidi apresentar uma proposta diferente para pensarmos sobre profissões e vida. Mudei tudo. Quem me

ajudou foi minha neta Amanda, com uma pergunta-chave, dessas que nos abordam inocentes, mas que levantam poeira.

4. Olhei no relógio. Faltava a Gabriela, a que a coordenadora havia pedido para ser incluída. Nem bem tinha começado a falar, Gabriela entrou. Sentou-se ao fundo. Arrastou a cadeira e deixou a bolsa despencar no chão. A atitude chamou minha atenção. Nem a bolsa, nem a Gabriela tinham o mesmo ar desleixado da atitude.

Tornei a dar bom-dia. Perguntei quem poderia se estender mais do que o horário proposto, caso fosse necessário. Gabriela imediatamente declarou que não poderia ficar além do estabelecido anteriormente. Não perguntei o porquê. Concordei e, sem insistir, pedi que ao menos tentasse, se fosse o caso. Houve um burburinho entre as demais integrantes do grupo, mas nada que comprometesse o rumo da proposta.

Expliquei que tinha uma neta, Amanda, de 9 anos, e que ela me fez perguntas muito interessantes e que foram essas perguntas que me fizeram decidir apresentar uma proposta diferente de discussão naquele grupo. Isso porque, continuei, aquele era um grupo especial, formado somente por meninas e, principalmente, porque entre elas havia aquelas que, já tendo iniciado curso superior, estavam dispostas a fazer novas escolhas – o que não era nada fácil, admiti, especialmente porque algumas poderiam não ter o apoio incondicional das famílias. Ou teriam?

Introduzi então as motivações. Perguntei à minha neta Amanda de nove anos, prossegui, o que ela queria ser quando crescesse. Ela me respondeu que ainda não sabia. Que já tinha pensado em ser médica, engenheira, bailarina, mas a mãe sugeria que ela fosse psicóloga como ela, a mãe. Então ela me perguntou sobre mim, sobre o que eu quis ser quando crescesse. E ela perguntou mais e foi perguntando numa espiral sem fim.

Disse a ela e digo a vocês, como primeiro ponto para refletir e discutir, que a minha mais distante lembrança sobre o que eu queria ser quando crescesse era ser jornalista. Deitada na cama, cabeça no travesseiro, pensando: quero ser jornalista. De braços dados com este pensamento, o desejo de viajar muito para fazer reportagens e o desejo de escrever rios de palavras, torrentes, todas encantadoras, sedutoras. Tinha talvez uns sete anos. Não muito mais do que isso. E, mais para calada, como sempre foi meu jeito, quando me perguntavam sobre meu futuro a resposta vinha rápida, firme e seca: jornalista. E me sentia flutuando nas nuvens, conquistando o mundo, todas as possibilidades. Que sensação boa!

Mas, por isso e por aquilo, há muitas coisas que estão sempre se interpondo às nossas questões de muitas maneiras. Isso mesmo, nem sempre é possível vivermos as escolhas com liberdade e plenitude. A gente pensa que tem liberdade, mas não tem. E algumas coisas saíram do trilho... Aí a Amanda me disse: "Não, vó, comigo vai ser diferente, ah, isso eu não ia aceitar não, como não ter liberdade?"

E segui contando minha história para a Amanda, incluindo o contexto familiar. Quem sabe então ela entenderia? Que o meu pai, que sempre se sustentou como comerciante e depois comerciante, um dia também quis ser jornalista, jornalista esportivo, mas a mãe, nervosa, não o queria nas madrugadas, preocupava-se. Que a irmã dele, minha madrinha, não pôde estudar, pois a família era pobre e não tinham dinheiro para mandar os dois filhos para a escola. Minha mãe, estudiosa, professora, queria ser médica. Fazia o curso secundário para se preparar para as provas de ingresso. Meu pai, seu namorado, a proibiu de prosseguir. Viu só como não é tão fácil assim? Contrapõe a Amanda: “não vó, mas isso já foi há muito tempo, agora as coisas são diferentes.” Será?, pergunto eu a vocês.

E para abrir meu coração, depois que a Amanda pulou do meu colo para outras tantas coisas que a chamavam, eu fiquei lá, sentada, pensamentos no passado longínquo ou quem sabe no presente pertinho, pertinho. São esses pensamentos e mais alguma coisa que coloco na mesa para partilhar com vocês e abrir espaço para reflexões sobre o que queremos, sobre fazermos o que queremos, entre outras coisas.

5. Até aqui, alguma pergunta, alguma questão? Permanecemos pactuadas que a conversa de hoje vai durar mais? Só adianta manter o pacto se houver interesse legítimo. Seguimos, então?

Posso dizer para vocês que tantas e tantas coisas se enredam para escrever nosso destino. A posição da lua, a passagem do cometa Halley, a voz tenebrosa do pai, a voz submissa da mãe ou vice-versa, as vontades da avó que nos criou, a cadeira onde nos colocam para sentar. O medo, a insegurança, as certezas, as incertezas. O carro que passa veloz, o ônibus que perdemos porque não parou para entrarmos. Os amores.

Celina levanta a mão e a seguinte questão: como que eu, sem conhecê-las, já que esse era o primeiro encontro, poderia saber que essa nova proposta inédita, ela frisou bem, poderia servir ao propósito esperado? Não posso saber, respondi. É um experimento. É uma aposta, digamos. Todas mulheres, com dúvidas, questões. É só uma aposta. Caso não dê certo, ofereço um novo horário a cada uma de vocês dentro dos padrões habituais de conversa. Pode ser? Ótimo, vamos em frente. Então, temos escolha ou não temos escolha, eis a questão que coloco agora para pensar. Porém, como não posso respondê-la sozinha, até porque até hoje não cheguei a uma conclusão absoluta, peço que anotem a questão e aguardem, pois quero propor a leitura de um conto meu, quase uma novela, ainda inédito. Por que inédito? Porque ainda não consegui editor para ele.

Thais, poderia começar a leitura?

"Fundo de Quintal" – Marisa Oliveira

Esse vai pro Oswaldo Porto Rocha, in memoriam

Com o poder que Ihe havia confiado Oludumaré, Oxum velara por Cianinha. Cuidara que permanecesse no ventre de sua mãe e não nascesse antes do tempo. Mas todas as luas já se haviam passado e Oxum não mais podia evitar seu nascimento. Que nascesse então! Não importava que viesse à luz em um navio, seria filha das águas salgadas. Não importava que trovões roncassem assustadores e raios malvados incendiassem a escuridão. Deles Ihes tomaria força e luz. Venha sem medo que Oxum Ihe vela. E por uns poucos momentos segurou a tempestade, estabilizou a embarcação. E Cianinha veio. Parida de ventre livre, nasceu sorrindo. Oxum, emocionada, presenteou Cianinha com uma pequenina estrela. Na testa. Graciosa e minúscula, linda como sabia que a menina seria. Ficariam juntas ainda por um tempo, até estar dotada de razão e ser capaz de falar alguma língua.

A negralhada não se conteve: a natureza, encontraram disposição e coragem para enfrentar, e, apesar do violento balanço do navio, puxaram gira de batuqueiro. Das boas. O céu, riscado de raios, silenciou pra poder ouvir. Foi um samba de roda inesquecível. Pandeiro, ganzá e violão. Oxum aprovou. Pediu apenas que cantassem macio para não assustar a belezinha. Depois do refrão só valia improviso redondinho, feito cantiga de ninar. As umbigadas,

recatadas, homenagearam Cianinha batendo bem devagarinho. Tão bonito foi que marinheiro ficou de longe olhando, não tiveram coragem de interromper. O tanto de mar que faltava para chegar ao Rio de Janeiro não assustava aqueles negros vindos de Salvador. Levavam consigo a bandeira branca de Oxalá.

Outubro era o mês preferido de Cianinha. Cedo cedo, ainda madrugada, Cianinha, toda a pirralhada, panelas e comidas eram levadas pelas tias para a Central do Brasil. Partiam para a Penha no primeiro trem, de forma que não perdessem a primeira missa. Tudo primeiro, menos a ordem de chegada. As portuguesas, carolas, parecia que dormiam por lá. Muitos véus de renda preta, rosários de contas grossas, joelhos sangrando da penitência dos degraus. Eram muitas e Cianinha achava que engordavam de propósito pra não deixar lugar nos bancos da igreja para eles, os negros. Um verdadeiro contraste: as negras paramentadas em roupas brancas, as brancas escondidas por roupas pretas. Apesar das tias fazerem questão da missa, Cianinha não entendia a razão, aliás, não entendia nada. Que diabo de língua era aquela que os padres falavam? E que tanto as portuguesas se lamentavam e choravam? Pareciam gatas miando. Alívio era quando se acabava aquele ofício e começava o delas. Iam para os fundos do arraial e reverenciavam os orixás. Isso Cianinha sabia bem, fazia com prazer. Tinha tanto gosto que sentia a estrela brilhar. E brilhava mesmo. Depois vinha a alegria das cantorias. As tias preparavam as comidas e cantavam. Era tanta cantiga que o coração se enchia de felicidade. O sol já

desperto, pronto para esquentar as panelas e as canelas, lá, no alto do morro, tingia por igual pretos e brancos. Até os policiais, vistos assim dessa maneira, pareciam gente.

Mas vamos se aprumar no ofício que logo tem uma fila de bocas atrás dos doces, do vatapá, do xinxim, diziam as tias. Das tarefas que cabiam às mais novas, Cianinha gostava de ralar coco. Primeiramente porque era mais fácil e depois porque não carecia de muito cuidado. Podia, então, botar um olho no padre e outro na movimentação. Só não podia descuidar do capricho. As tias faziam questão de ensinar bem direito e faziam questão que as meninas aprendessem bem feito. Pra que soubessem um ofício, pra que não dependessem de marido – que ninguém está livre de um fracasso – nem de vizinho, nem de parente. Mulher tinha que ser independente, diziam. Então, o olho que não estava no padre não cansava de se deliciar. Achava lindas as carroças dos portugueses floridas de papel colorido. O movimento era tanto que, quem não tinha carroça ou quando as de aluguel se esgotavam, famílias inteiras chegavam amontoadas em andorinhas. Uma beleza.

No seu tantinho de descanso, foi mais as primas rodopiar pelas barracas de prendas e de jogos. As cerimônias de bênção eram uma bobagem e o cheiro do bacalhau enjoava o estômago de Cianinha. Assim, gostava mesmo é de apreciar as prendas e, de longe, saborear as adivinhações de marido que as moças brancas e solteiras tinham mania de fazer. Vai ver por isso algumas outras, mais criadas, mais encorpadas iam atrás das tias mães-de-santo.

Bem que tia Filhinha gostava de muxoxar que rabo de saia branco quando aparecia no terreiro era pra caçar marido. E, menina, sempre se perguntava porque queriam tanto marido. A mãe dela não teve, nem a avó tampouco. Algumas tias haviam tido, outras ainda tinham, mas às vezes, sem querer, dividiam os que lhes pertenciam com outras. Algumas já haviam até se casado de novo. E ninguém nunca reclamou, nem faziam reza para santo. Ou faziam?

Ali, bem alto, cidade e mar a seus pés, extasiada por entre cheiros, paladares e cores, os olhos, a serviço da curiosidade, não cansavam de espiar. Talvez por isso não tenha ouvido o tropel dos moços que chegavam em cavalo selado. Deu-se conta apenas quando as moças, em algazarra, correram. Então, quando olhou, o cavalo de um deles, danado, empinava, e porque o cavaleiro insistia em se manter firme no dorso, o bicho arriava o focinho na direção do chão, contorcendo-se até não mais poder, coiceando as patas traseiras em fúria. O conflito entre cavalo e cavaleiro durou o bastante para os galegos avançarem na direção do animal, alguns de arma em punho. Cianinha teve dó do bicho. Ligeira, abriu caminho, avançou roda adentro e se postou na frente do animal. Ajoelhou, estendeu a mão. Viu o bicho menear a cabeça, resfolegar, arriar as patas traseiras. E quando o cavaleiro saltou fora, quase um menino ainda, imberbe e assustado, apesar da valentia, os romeiros testemunharam o cavalo, as duas patas dianteiras esticadas no chão, cabeça arriada, baixa mesmo, buscar afago na mão da negrinha. Oxum respirou aliviada.

Avisados pela criançada, Tia Bimbina, vó de Cianinha, veio buscar ela. Valei-me Oxum, valei-me Oludumaré, que filha das águas não fica em aflição. E aquela tarde foi uma tarde de glória. Quando os homens chegaram com a percussão, os pandeiros e os tamborins foram logo iniciando o batuque, a mulata Ermelinda, ancas redondas e avantajadas, no centro da roda, danou-se em apaixonados requebros, o tal do miudinho. Vieram as umbigadas. Refrões homenageavam os santos, improvisos falavam de Cianinha. E a eles foram-se juntando os orixás, todos, um a um. Quando o último desceu, Tia Bimbina preparou as oferendas e, tendo eles comido, porque a primeira comida sempre é a do santo, Tia Bimbina passou a servir os batuqueiros, os capoeiras. Depois do acontecido com o cavalo, Cianinha foi dispensada dos afazeres culinários. Ficou lá sentadinha sem saber o que fazer. Só sabia que sua estrela estava viva, presente. A noite chegou inundada de aroma de azeite-de-cheiro. Quando as tias começaram a levantar as panelas, ainda se via e ouvia os negros tocarem e dançarem. Ou seriam os orixás? Inebriados, os pandeiristas sangravam nas mãos. Mas nem ligaram. Não ligaram nem quando o amasiado da Ermelinda estragou no pau um tal de sarará, um cujo, como se ouviu o nego dela dizer depois, um desabusado sem tamanho, que tentou arrastar asa pra cima da nega dele. A polícia não perdoou. Não teve rabo de arraia nem corta-jaca que segurasse os milícias.

Esses, Cianinha não conseguiu controlar.